

RESPONSABILIDADE DIGITAL



MÍDIAS DIGITAIS

REGISTROS MOSTRAM QUE A EROTIZAÇÃO ACONTECE DESDE AS MÍDIAS TRADICIONAIS

IMAGENS ÍNTIMAS

OS DANOS QUE PODEM SER CAUSADOS PELO CRIME QUE É CONSIDERADO PORNOGRAFIA INFANTIL

EDUCAÇÃO SEXUAL

OS DESAFIOS ENFRENTADOS PARA A INTRODUÇÃO NAS ESCOLAS BRASILEIRAS

EXPEDIENTE

Responsabilidade Digital

Equipe
Daiane Ramos e Déborah Livia

Orientação
Elane Gomes

Logotipo
Stephanie Melo

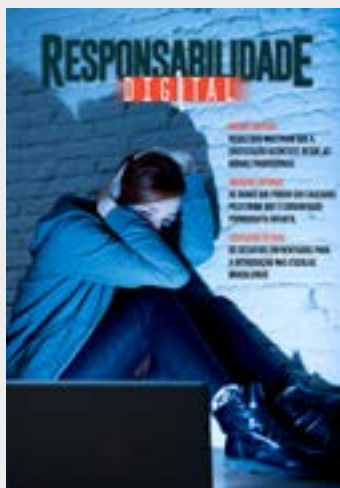
Diagramação
LivroEbook Diagramação e Design

Agradecimentos
**Agradecemos a todos que
contribuíram para a realização
deste projeto.**

Banco de Imagem:
Freepik

REVISTA
RESPONSABILIDADE DIGITAL 2023

**A Responsabilidade Digital é o
resultado de produto midiático de
conclusão do curso de Jornalismo
da Universidade Estadual da
Paraíba (UEPB).**



EDITORIAL

Em uma fração de segundos um conteúdo é publicado na internet. Vivemos em uma era em que o digital se sobrepõe em diversos momentos e não há filtro para o que é publicado, uma pesquisa feita pelo TIC Kids Brasil comprovou que 78% dos usuários de redes sociais tinham entre 9 a 17 anos em 2021, embora muitas delas tenham restrição de idade, a própria pesquisa demonstra que isso não costuma acontecer na prática. E com esse avanço cada vez maior das mídias digitais, uma preocupação: crianças consumindo internet. Dessa inquietação surge a Revista Responsabilidade Digital.

A proposta da Revista Responsabilidade Digital é levar essa inquietação ao público leitor, expor os motivos que contribuem para que crianças apareçam cada vez mais “adultizadas” e sexualizadas na internet, além das dores e consequências de tão cedo estarem expostas sem que seus pais e responsáveis percebam o que é consumido pelos seus filhos.

Existe uma superexposição de crianças na internet e o país ainda não possui maneiras eficientes de controlar. Enquanto o Estado não tem medidas rígidas na prática de penalizar aqueles que armazenam conteúdo impróprio e publicam conteúdos ofensivos sobre os menores de idade. Permitir o acesso de crianças a redes sociais pode contribuir com a criação de conteúdo para pedófilos de plantão.

Acesso precoce a essas redes, pode trazer consequências comportamentais, como por exemplo, antecipar o início da vida sexual. Muitas crianças não têm acompanhamento dos pais em momentos que estão na internet, e dessa forma podem ter livre acesso aos mais variados conteúdos, até mesmo pornográficos.

Essa é uma revista direcionada para o público jovem, pais e responsáveis, e também para os profissionais da educação, mas nada impede que o público interessado na temática possa absorver o conteúdo para compreender o quão nocivo pode ser a relação entre crianças e redes sociais. Nosso objetivo é trazer informação para além do senso comum, é contribuir para que os leitores possam levantar a discussão sobre o assunto de forma responsável, consciente e com a sensibilidade necessária.

As editoras,

*Daiane Ramos
Déborah Livia*

SUMÁRIO

- 4 O AVANÇO DA EROTIZAÇÃO INFANTIL
NAS MÍDIAS DIGITAIS BRASILEIRAS**
- 7 EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS BRASILEIRAS:
COMO É APLICADA E VISTA NA SOCIEDADE ATUAL**
- 10 COMO A CANTORA MELODY CRESCER
SENDO SEXUALIZADA NA INTERNET**
- 12 O IMPACTO DA EXPOSIÇÃO DE IMAGENS ÍNTIMAS
NA SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES**
- 15 #RDINDICA**

O AVANÇO DA EROTIZAÇÃO INFANTIL NAS MÍDIAS DIGITAIS BRASILEIRAS

DAIANE RAMOS E DEBORAH LIVIA

Muito se fala sobre os benefícios da internet na vida de crianças e adolescentes. Mas pouco se discute sobre os riscos de crianças entrarem no mundo virtual cada vez mais cedo. Será que pais e responsáveis estão cientes do conteúdo que seus filhos estão expostos enquanto estão conectados nas redes? Atualmente, em tempos de digitalização, é possível perceber que a infância está sendo atraída para aquilo que até pouco tempo estava restrito aos mais velhos.

E não à toa, essa curiosidade pode ser extremamente prejudicial ao neurodesenvolvimento, trazendo consequências como a hipersexualização

e erotização precoce. Porém, é importante reconhecer que essa erotização infantil não é de hoje e que grande parte das coisas que acontecem no digital, é reflexo do que já costumava acontecer nas mídias tradicionais.

Existem diversos registros de crianças sendo erotizadas na tv, em propagandas e capas de discos, por exemplo. Algumas pessoas alegam que “naquele tempo não existia maldade”, mas a pedofilia não começou a existir com o surgimento da internet, mas sim, passou a ser reconhecida como tal.

A EROTIZAÇÃO INFANTIL NOS ÚLTIMOS ANOS

Love's Baby Soft (Inocência Sexy) - 1974

Na propaganda de uma empresa de perfumes, foram usados adultos caracterizados de crianças para dizer que “a inocência é mais sexy do que você pensa”.



Reprodução: Internet

Amor, estranho amor -1982

A apresentadora Xuxa Meneghel antes da fama chegou a fazer um filme pornô com um menino de 11 anos, a gravação do filme foi realizada antes dela trabalhar com o público infantil.



Reprodução: Internet



Alfazema - 1987

Já em 1987, a propaganda gerou polêmica também por cenas de nudez envolvendo crianças. O comercial “Mãe e filha” da Alfazema. Nele, uma menina imita os passos da mãe durante o banho, e em seguida é mostrada uma cena em plano geral com mãe e filha nuas durante o banho, com os produtos da marca.

Carnaval dos Baixinhos - 1988

Em 1988, Xuxa lançou o disco “Carnaval dos Baixinhos” onde tinham dois bebês, com figurinos que não são para crianças, uma menina de calcinha fio dental, e um menino nu. É importante perceber como a construção dos elementos visuais em torno do Carnaval contribuiu para a sexualização dos personagens, já que o Carnaval é tradicionalmente uma festa em que os adultos costumam se divertir com poucos limites, com muita bebida alcoólica e sexualização dos corpos, o que nada tem a ver com a infância.



Valisere - 1988

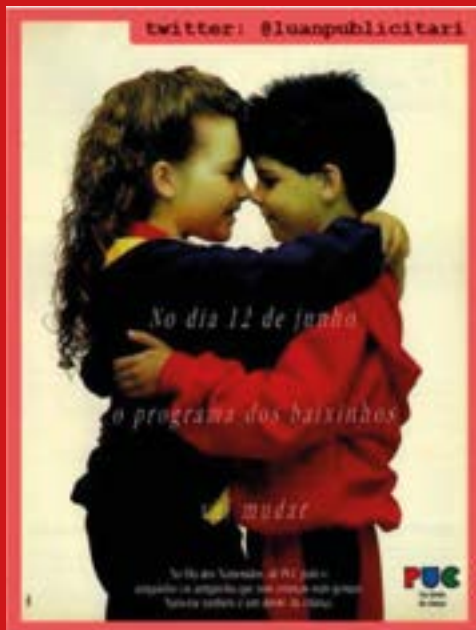
O comercial “Meu primeiro sutiã” da Valisere estreou em 1988. Nele, uma adolescente usava seu primeiro sutiã, a polêmica em volta do comercial não foi o tema da propaganda, mas sim o fato da menina ter sido mostrada com os seios descobertos nas imagens.



Sundown Garotinha - 1990

O protetor solar Sundown da marca Johnson & Johnson fez um comercial onde um garoto narra uma menina desfilando na praia e ainda diz que ela “finge ser inocente”.





Reprodução: Internet

PUC Programa de baixinhos 1991 - “namorar também é um direito da criança”

Na época do dia dos namorados, a PUC que é uma marca de moda infantil, fez uma propaganda dizendo que “namorar também é um direito da criança”.

Sonhos Garoto - 1995

O chocolate Garoto fez um comercial polêmico que retrataria os “sonhos de meninos” incluindo revistas pornográficas, espiar meninas tomando banho (mostra a garota nua), colocar espelho no sapato para olhar embaixo da saia da professora. A publicidade além de expor as meninas de forma inoportuna, ainda contribui para a perpetuação do machismo, contribuindo para que as crianças, principalmente os meninos, normalizem esse tipo de comportamento.

Reprodução: Internet



Reprodução: Internet

Grupo Mulekada - 1998

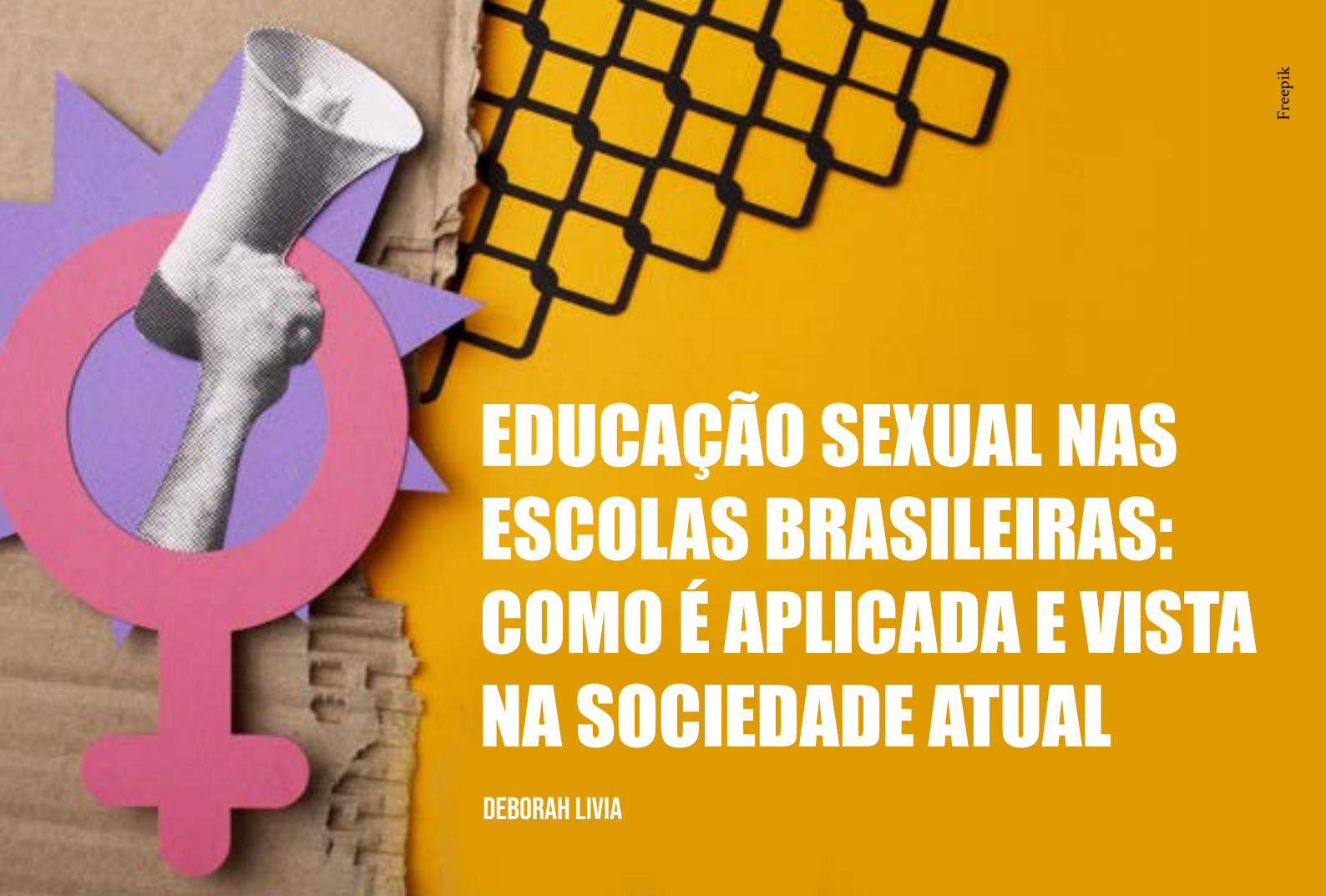
Os anos 90 são marcados pelo avanço da TV aberta, muitas brincadeiras e entrevistas aconteciam, mas a erotização das crianças não ficou para trás. O grupo “Mulekada”, que era uma versão infantil do famoso grupo “É o Tchan”, cantavam e dançavam as músicas que tinham diversos trechos de conotação sexual, isso em plena TV.

Neston - 1999

No comercial da Neston que foi lançado em 1999, um garoto se gaba com seus colegas que teria passado a noite com a professora, a atitude dá a entender que trata-se de um envolvimento sexual. Na verdade, a frase encenada pelo garoto é caracterizada pelo duplo sentido, já que ambos apenas dormiram no sofá enquanto assistiam.



Reprodução: Internet



EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS BRASILEIRAS: COMO É APLICADA E VISTA NA SOCIEDADE ATUAL

DEBORAH LIVIA

No período em que o Brasil foi governado pelo ex-presidente Jair Bolsonaro, o país não avançou em pautas em torno da educação sexual. A discussão sobre o tema nas escolas brasileiras foi mais que um tabu, foi amplamente divulgada como algo ruim, nocivo e contra os princípios politicamente corretos. Em uma sociedade cada vez mais precoce, crianças e adolescentes descobrem e iniciam a vida sexual cada vez mais cedo e sem orientação dos pais e das escolas. A educação sexual é uma realidade necessária e é papel da família, do Estado, das instituições e das políticas públicas que devem atuar em conjunto, porém, diante de um país conservador, ainda não avançamos e pouco se fala sobre o assunto.

Os conteúdos que são ou pelo menos deveriam estar nos centros de ensino do país passam longe de “ensinar sexo”, a pretensão é que a criança/adolescente possa aprender a se cuidar, ter noção do que é um abuso e também aprender sobre higiene íntima na prevenção de doen-

ças. Uma pesquisa, realizada no ano de 2022 pela [Datafolha](#), para 73% dos brasileiros, a educação sexual deve estar na grade escolar. Porém, a pesquisa expõe a contradição que existe no sistema de ensino brasileiro, uma vez que, somente 20% das escolas públicas abordam educação sexual de forma efetiva no ensino fundamental.

De acordo com o site do Governo Federal: “O tema já é consolidado dentro da Pedagogia e do próprio Ministério da Educação. Em 2001, o Plano Nacional de Educação já determinava a inclusão da Educação Sexual nas diretrizes curriculares dos cursos de formação de docentes”, mas por qual motivo, ainda não avançamos?

Desta reflexão, emerge a necessidade de falar sobre a falta de educação sexual nas escolas brasileiras. Embora muitos defendam que a família deve exercer esse papel, especialistas afirmam que profissionais devem fazer parte dessa etapa de transição da infância para a adolescência. Juliana Ferreira atua na área de Biologia para crianças

e adolescentes, ela dá aula para alunos dos 6° ao 3° anos e convive diariamente com realidades totalmente distintas. A professora afirma que atualmente leciona em quatro escolas privadas da cidade de Campina Grande e nenhuma delas aborda a temática em sala de aula.

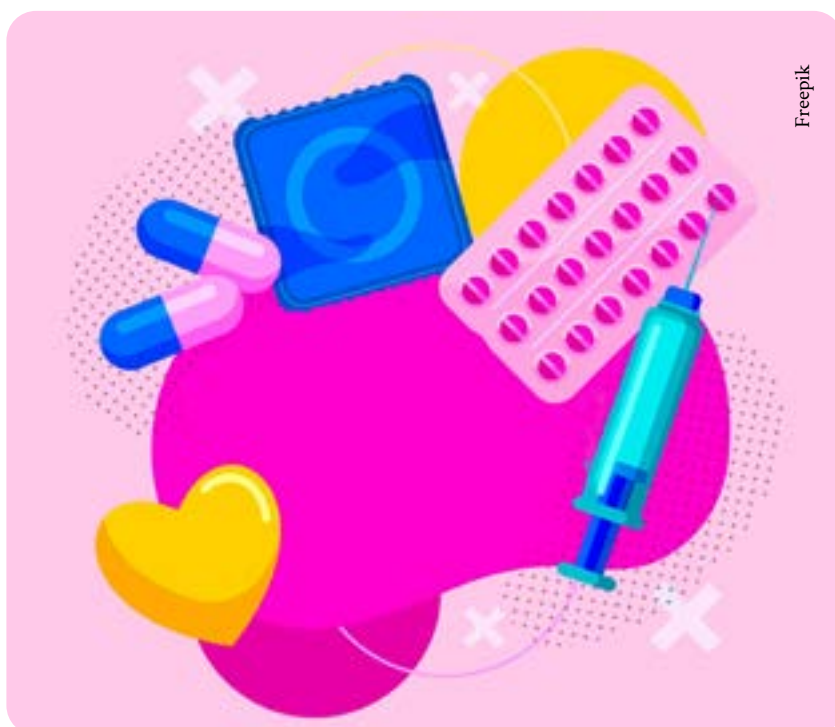
Ela defende que deveria existir a abordagem no país: “Inclusive, sou a favor que haja aula de orientação sexual nas escolas. Não para ensinar a “fazer sexo”, como pessoas ignorantes pensam. Mas, para que crianças fiquem cientes de onde podem ou não ser tocadas, por exemplo.” Além disso, Ferreira afirma que com toda certeza casos de abuso, violência e exposição de crianças seriam evitadas caso existisse uma abordagem consciente e educacional a respeito do tema de acordo com cada faixa etária de cada criança e adolescente.

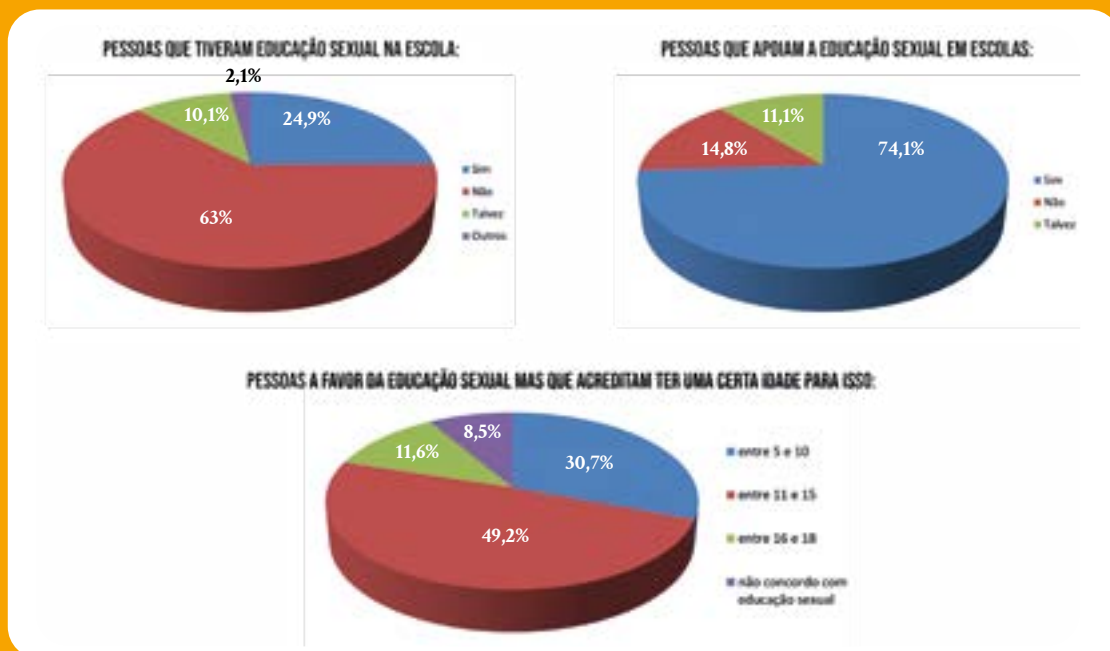
A falta de conhecimento de pais e responsáveis faz com que cada vez mais meninas e meninos sofram diariamente com um tipo de exposição seja nas escolas ou nas redes sociais. O universo virtual e a quantidade de informações disponíveis na internet podem confundir cada vez mais

a cabeça de crianças e adolescentes que não têm orientação em casa e muito menos nas escolas.

Em uma pesquisa realizada nas redes sociais, com duração de dois dias, obtivemos 189 respostas. Quando dividimos o público, cerca de 69,8% são mulheres, enquanto 29,1% são homens. Do público em geral, 46% têm entre 20 e 25 anos de idade, quando perguntamos sobre filhos, a maioria não tem filhos. Além disso, 63% responderam que não tiveram educação sexual nas escolas.

Os resultados mostram o quanto a sociedade brasileira ainda não atingiu uma discussão efetiva a respeito da necessidade de incluir o assunto em sala de aula para crianças e adolescentes. Quando falamos em números, 52,4% afirmam já terem lido brevemente sobre o tema, embora 74,1% apoiem a educação sexual nas escolas, enquanto 88,9% acredita que a inclusão pode contribuir para identificar situações de abuso, uma vez que a educação sexual permite que a criança ou adolescente conheça o seu corpo e entenda o que é ou não saudável.





Dados como esses, mesmo sendo coletados em um contexto regional pequeno como foi o caso, revelam o quanto a educação sexual precisa avançar no que diz respeito à aplicação e a disseminação do que é realmente uma educação sexual. A falta de conhecimento e de profissionais capacitados demonstram a ineficiência do sistema de ensino brasileiro para acompanhar o desenvolvimento de crianças e adolescentes.

Levando em consideração essa necessidade de ampliar a discussão sobre a falta de educação sexual nas escolas, conversamos com a Psicopedagoga Lucynara Figueiredo, formada pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB. Ao ser questionada se apoia a aplicação do ensino nas instituições ela afirma que concorda e diz que a partir do 5º ano do ensino fundamental se faz necessário tendo em vista que os alunos têm de 10 a 11 anos de idade e estão entrando na puberdade, na fase de mudanças no corpo.

Embora a Pedagoga entenda como importante o tema nas escolas, ela ressalta o tato com os pais para introduzir e normalizar o tema. “O assunto com os pais deve ser abordado de forma que eles compreendam a importância para que os alunos tendo esse conhecimento venham a evitar casos de abuso, e até mesmo conhecer o próprio corpo, compreendendo os possíveis problemas que podem surgir como uma gravidez indesejada, doenças sexualmente transmissíveis ou até danos psicossociais de serem expostos por criminosos”. A profissional também afirma que crianças e adolescentes podem sim identificar situações de abuso a partir do conhecimento em relação à educação sexual.

Embora a discussão ainda esteja a passos curtos de ser efetivada em sala de aula, pais e mestres devem estar cada vez mais atentos ao que crianças e adolescentes são expostos, uma vez que em casa ou na sala de aula, pode estar dentro de um contexto que não é apropriado para a sua faixa etária e se tornar um caso silencioso de abuso ou a porta de entrada para casos de depressão e ansiedade, causados por falta de instrução adequada.





Reprodução: Youtube

COMO A CANTORA MELODY CRESCEU SENDO SEXUALIZADA NA INTERNET

DAIANE RAMOS E DÉBORAH LIVIA

Reprodução: Instagram

Muito se fala na internet do quanto crianças devem ser protegidas da sexualização precoce, mas há diversos casos que passam despercebidos, e isso não é recente. Diversas crianças crescem no mundo artístico sendo expostas a várias situações e o próprio público aplaude sem nenhuma problematização. Crescer diante dos holofotes quando não se tem responsáveis que prezam pela privacidade da criança e que impõem limites, pode prejudicar esse indivíduo e trazer precocemente características e comportamentos de um adulto.

A cantora Melody surgiu justamente em meio a esse tipo de polêmica, quando ela tinha apenas 8 anos, viralizou um vídeo da menina dançando com uma coreografia totalmente sexualizada, no palco de um baile funk onde ela estava cantando. O pai, Thiago Abreu, na época com 26 anos, defendeu a atitude dizendo que a polêmica era apenas porque ela cantava funk.

Nas redes sociais, a menina pousava de forma ousada com caras e bocas como se realmente fosse uma adulta. Diversas pessoas criticaram a exposição que Melody estava vivendo, enquanto alguns homens comentavam dizendo que a cantora era uma “delicinha”, outro dizia que a menina “desperta desejo em muitos homens”, que ela era um “monumento de mulher”, enquanto a cantora ainda era uma criança. Essa exposição precoce e adultizada de Melody nunca acabou de fato. Desde essa época as fotos seguiam sendo as mesmas, ela continuou fazendo shows cantando e dançando, tendo seu pai como empresário. E à medida que foi crescendo, aquela sexualização que foi feita com ela na infância hoje é banalizada.

Em 2015, no mesmo ano que a cantora surgiu, foi aberto um inquérito pelo Ministério Público para investigar a sexualização que a menina estaria sofrendo, nesse inquérito consta que a menina: “canta músicas obscenas, com alto teor sexual e faz

“Todas as entidades que dizem querer “proteger as crianças”, fecham os olhos e ignoram o que está acontecendo”

poses extremamente sensuais, bem como trabalha como vocalista musical em carreira solo, dirigida por seu genitor”.

As polêmicas em volta do assunto não mudaram. Em 2019, quando tinha 11 anos, o youtuber Felipe Neto baniu a cantora de seu canal. Felipe fazia vídeos reagindo aos clipes de Melody, mas explicou que já tinha conversado com o pai da



A cantora já fazia poses sensuais mesmo quando era criança.



A sexualização da infância tem repercutido também na adolescência de Melody.

cantora que prometeu que mudaria a forma de exposição da menina, mas isso não aconteceu. Felipe comentou: “Enquanto isso, todas as entidades que dizem querer ‘proteger as crianças’ fecham os olhos e ignoram o que está acontecendo. Ninguém faz absolutamente nada, cansei”. O youtuber completou dizendo que a cantora era uma criança que não tinha noção do que acontecia.

Hoje, Melody tem 16 anos, segue fazendo fotos e vídeos com poses sensuais e não houve nenhum empecilho quanto a isso na justiça. Em meio a sociedade que prega “protejam as crianças”, o que acontece com ela passou despercebido, mesmo com a adolescente sempre na mídia. Talvez as consequências não sejam enxergadas agora, mas sim futuramente.

O IMPACTO DA EXPOSIÇÃO DE IMAGENS ÍNTIMAS NA SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

DAIANE RAMOS



Vítimas relatam as consequências emocionais após terem fotos íntimas vazadas ainda na adolescência

Diversas meninas já tiveram que lidar com a situação de ter imagens íntimas expostas sem o consentimento delas, além disso, muitas pessoas compartilham, acreditando que o erro foi somente de quem tirou as fotos. Principalmente, quando são menores de idade. Porém, as que mais sofrem retaliação são as vítimas do sexo feminino. Além de serem expostas dessa forma, ainda precisam lidar com o julgamento de pessoas que se acham superiores por nunca terem se exposto em uma situação semelhante.

Conversamos com uma vítima que teve fotos íntimas divulgadas e compartilhadas quando tinha apenas 13 anos de idade. Daremos a ela o nome fictício Mariana, pois a identidade será preservada. Mariana era de uma família tradicional e relata que era muito nova, que costumava sempre conversar com vários meninos e conseqüentemente chegou a mesma foto para três deles.

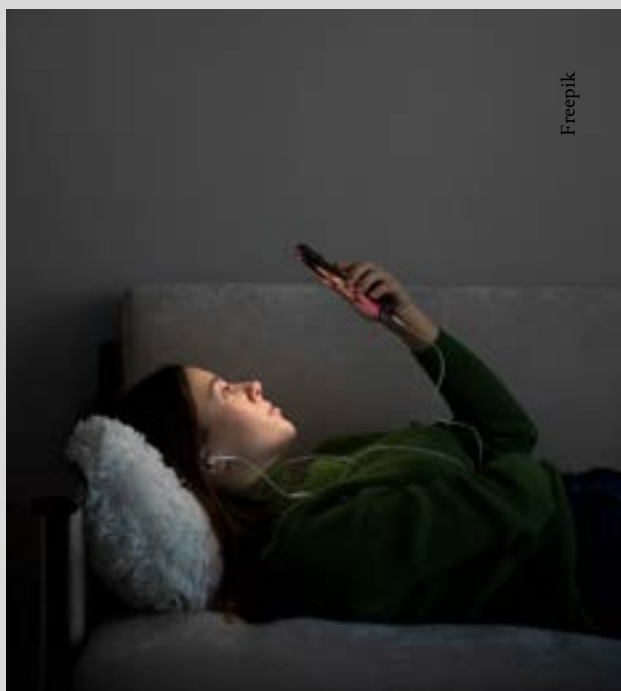
Logo as fotos se espalharam e ela era bem conhecida na época, então todos a reconheceram facilmente nas imagens. Mariana ainda procurou uma foto de outra menina parecida com ela, na tentativa de esconder a verdadeira identidade das imagens, mas não tinha como alguém acreditar pois era possível reconhecê-la com facilidade no conteúdo compartilhado.

Com a repercussão, Mariana precisou ir para outra turma por pelo menos dois dias pelo bullying que sofria: “nunca vou esquecer de quando uma menina que não gostava de mim assim que o professor entrou na sala, ela perguntou “o senhor já viu isso aqui?” e mostrou a minha foto”. Como mais uma consequência, todas as amigas dela se afastaram ao ponto da sua mãe precisar falar com elas por medo da filha entrar em depressão. Mariana conta que o fato fez com que ela amadurecesse de uma

forma ruim e desnecessária para a idade, pois na época, ainda era uma criança.

Outra vítima deste tipo de crime foi Franciny Roma, quando tinha apenas 14 anos. Ela se relacionava com uma pessoa e trocavam fotos íntimas, mas se afastaram depois de um tempo. Franciny entrou em um relacionamento e cerca de um ano depois, suas fotos foram divulgadas: “minha privacidade foi invadida, meu corpo violado, eu era muito nova e não tinha noção do peso daquilo. Fui muito julgada e deixada de lado por pessoas, amigos, familiares. Até para andar na rua era complicado, frequentar a escola era torturante, eu lembro que a minha única vontade era ficar trancada no meu quarto, porque a qualquer momento que eu sáísse alguém iria falar alguma coisa”.

Franciny ainda teve que lidar com o machismo das pessoas e conta que foi acusada de ter traído o namorado, sendo que as fotos aconteceram antes do relacionamento, o que mostra o quanto uma possível traição ainda chama mais atenção do que o crime de ter fotos íntimas expostas. Ela comenta sobre o sentimento de abandono que vivenciou: “as pessoas que eu pensei que pudesse ter um apoio foram as primeiras a darem as costas, então



eu me vi completamente sozinha, apenas por ter confiado em alguém”. Ela não é a única a se sentir dessa forma, esse tipo de situação é comum para pessoas que têm fotos íntimas divulgadas.

A Psicóloga Larissa Sérgio explica que devido a exposição, algumas mudanças comportamentais podem ser desencadeadas com o trauma sofrido, como: humor deprimido, tristeza, vergonha, alterações na rotina de alimentação e sono, isolamento social, agressividade, dificuldade de concentração e aprendizagem. O apoio da família nesse momento é essencial, principalmente na hora de buscar ajuda profissional para o acompanhamento das vítimas. Infelizmente, nem todas conseguem esse apoio em casa e sim mais julgamentos e acusações, que podem prejudicar ainda mais a saúde mental de quem passou por isso.

A maioria dos casos em que registros íntimos são expostos acontecem com meninas, elas são expostas, envergonhadas e desacreditadas,

mas quando acontece com algum menino, ele é cobrado socialmente a manter sua masculinidade, passando por cima do acontecido.

A psicóloga explica: “precisamos entender em que contexto eles estão inseridos, para ter a mesma sensibilidade ao acolher ou melhor entender se existem maneiras diferentes de lidar. Como a demanda é maior com meninas, muitas vezes a equipe não sabe lidar com a demanda ligada aos meninos, eles costumam ser mais retraídos, mas toda criança requer um cuidado redobrado no atendimento”.

Nessa era digital, é importante sempre conscientizar as crianças e adolescentes sobre as consequências que podem ser causadas por ter essa intimidade exposta. Esse tipo de conteúdo se configura perante a lei como pornografia infantil. Será que se esse nome fosse usado com mais frequência, as pessoas realmente compartilhariam essas imagens ou vídeos? Além disso, esse conteúdo caindo com facilidade nas redes pode acabar se tornando material para pedófilos que estão nessas plataformas.

Nessa era digital, é importante sempre conscientizar as crianças e adolescentes sobre as consequências que podem ser causadas por ter essa intimidade exposta.

Em 2020, o mundo viveu um isolamento social devido a pandemia causada pela COVID - 19. Segundo a [Safernet](#) Brasil, durante o ano, eles receberam 98.244 denúncias anônimas de páginas de internet contendo pornografia infantil. O número é o dobro comparado a 2019 e bateu o recorde histórico desde a criação da organização.

**Art. 241-A. Oferecer, trocar, disponibilizar, transmitir, distribuir, publicar ou divulgar por qualquer meio, inclusive por meio de sistema de informática ou telemático, fotografia, vídeo ou outro registro que contenha cena de sexo explícito ou pornográfica envolvendo criança ou adolescente: (Incluído pela Lei no 11.829, de 2008)
Pena – reclusão, de 3 (três) a 6 (seis) anos, e multa. (Incluído pela Lei no 11.829, de 2008)**

**Art. 241-B. Adquirir, possuir ou armazenar, por qualquer meio, fotografia, vídeo ou outra forma de registro que contenha cena de sexo explícito ou pornográfica envolvendo criança ou adolescente: (Incluído pela Lei no 11.829, de 2008)
Pena – reclusão, de 1 (um) a 4 (quatro) anos, e multa. (Incluído pela Lei no 11.829, de 2008)**

#RDINDICA

Com o avanço da internet, as mídias digitais ocupam uma posição de destaque na vida de todas as pessoas, em especial, crianças e adolescentes. De acordo com uma pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa do Hospital Infantil de Alberta (Canadá) e as Universidades de Calgary (Canadá) e College Dublin (Irlanda), a quantidade de tempo que as crianças passam em frente às telas aumentou em 50% desde 2020, o que equivale a uma hora e vinte minutos a mais em consumo diário.

Crianças e adolescentes se tornaram pequenos consumidores e são constantemente usados para a reprodução de conteúdo, seja ele publicitário ou não. Entender o fenômeno das redes sociais x crianças é de extrema importância para que pais e responsáveis possam compreender como o crescimento do consumo da tecnologia contribui para uma sensação de independência infantil, principalmente pela ausência dos responsáveis no mundo virtual. Para explorar ainda mais esse universo, temos aqui uma lista de produções cinematográficas sobre a temática que vão fazer você ter uma nova visão sobre a influência das mídias digitais no avanço da erotização infantil.

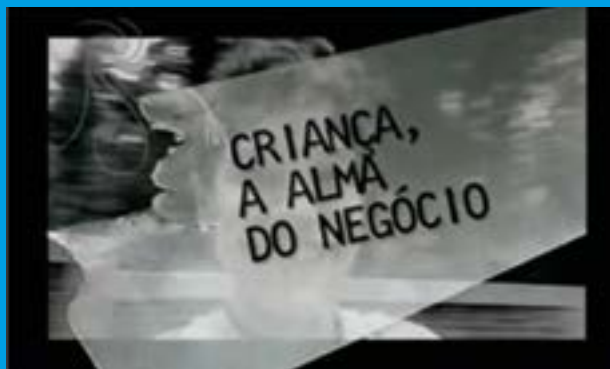
CONFIAR

Lançado em 2011 no Brasil, o filme traz a história da personagem Annie, uma menina que vive a fase da adolescência cheia de curiosidades e inseguranças. Quando Annie ganha um computador de seus pais, ela inicia um relacionamento com um garoto aparentemente da sua idade que conheceu em um chat online. Sem que seus pais saibam, as conversas se tornam mais frequentes, até que Annie aceita o convite para um encontro e descobre que o homem com quem conversava era bem mais velho do que dizia.



Reprodução: Divulgação

Reprodução: Maria Farinha Filmes



CRIANÇA, A ALMA DO NEGÓCIO

O documentário, além de trazer a erotização precoce de crianças, aborda também o tema da publicidade infantil e como as crianças são influenciadas, tornando-se o principal alvo da publicidade no Brasil. O filme traz especialistas, pais, educadores e crianças abordando como a tecnologia influencia diretamente no desenvolvimento e comportamento infantil.

CUTIES

O filme lançado em 2020 pela Netflix, já trouxe nas próprias imagens de divulgação, imagens de meninas em posições sexualizadas. A personagem principal Amy se muda com a mãe para um conjunto habitacional novo porque o marido dela vai ter uma segunda esposa. Em meio às novidades, juntam-se as descobertas de adolescência de Amy, da contravenção à primeira menstruação, e a sexualização precoce surge no filme como contraponto crítico aos dogmas islâmicos seguidos pelos imigrantes senegaleses na França.



Reprodução: Netflix

Reprodução: Netflix

DILEMA DAS REDES



Reprodução: Netflix

O Dilema das Redes (2020), documentário da Netflix, conta com a participação de ex-funcionários e executivos de empresas como Facebook, Google e Twitter que expõem os danos causados pelas redes sociais. O documentário traz à tona o impacto que a mídia exerce sobre o cotidiano e comportamento das pessoas a partir da manipulação do algoritmo. Nesse sentido, o usuário torna-se um produto e não apenas consumidor

do que é produzido nas mídias digitais, o que demonstra o quanto as redes influenciam os internautas e por esse motivo crianças e adolescentes não devem usar sem a supervisão de um adulto.

PRIVACIDADE HACKEADA

Privacidade Hackeada é um documentário que retrata o escândalo da Cambridge Analytica e o Facebook. As empresas foram acusadas de hackearem dados de usuários para influenciar nas eleições de 2016 nos Estados Unidos. O documentário mostra o quanto a exposição de dados na internet é prejudicial aos usuários, que muitas vezes ao criar seus perfis nas redes não tem ideia do que pode acontecer.



Reprodução: Netflix

Para saber mais, leia: Chamada pública do [Governo Federal](#) com orientações para as famílias sobre o uso de telas para crianças e adolescentes. A chamada foi encerrada no âmbito federal, porém, as discussões acerca do tema seguem. As contribuições serão usadas para a construção de um guia orientativo para uso consciente de telas e dispositivos digitais para menores de idade.